



APRESENTAÇÃO

Naira Pinheiro dos Santos

Mandrágora completa 25 anos de existência em 2019! Há muito a comemorar desde a publicação do primeiro número da revista em 1994, em edição impressa, hoje disponível online. Criada por iniciativa do grupo de pesquisa então denominado Núcleo de Estudos Teológicos da Mulher na América Latina – NETMAL, a revista tem contribuído e tem refletido mudanças significativas no que tange à abordagem das religiões em perspectiva feminista, quer do ponto de vista acadêmico, quer no que concerne às práticas de sujeitos e/ou grupos religiosos.

A própria mudança do nome do grupo de pesquisa, para Grupo de Estudos de Gênero e Religião Mandrágora/Netmal aponta não só para um olhar mais abrangente do campo religioso, como para a presença de novas perspectivas teóricas que foram sendo construídas no seio do feminismo e dos estudos feministas das religiões. A reflexividade crítica, a consequente instabilidade das categorias, a interseccionalidade que acompanham os estudos feministas, incluindo-se aí os estudos feministas das religiões, interpelam e são interpeladas pelas realidades em mutação, pelas reivindicações e conquistas na luta por reconhecimento de direitos.

Direito das mulheres, direito dos sujeitos religiosos ao seu próprio corpo, é um debate ainda necessário e que atravessa ou está no centro de boa parte dos artigos deste número. Do patriarcado e conservadorismo religioso, de outrora e de agora, ao mercado, os poderes hegemônicos buscam sim controlar e/ou instrumentalizar os corpos, mas não deixam de encontrar resistências.

É o que evidencia o artigo de Sandra Duarte de Souza e João Marcos da Silva, “O recurso à sensualidade como estratégia do mercado gospel”. O artigo trata de analisar como o mercado intervém, aparentemente quebrando o paradigma da imagem pública aceitável dos corpos



femininos, do ponto de vista da tradição religiosa, para transformá-los em produtos, através do recurso à sensualização/erotização dos mesmos no contexto da produção de artistas gospel. Como apontam @s autor@s, contraditoriamente, a liberalidade aplicada ao “corpo produto” das artistas não encontra eco na liberdade destas definirem, por exemplo, a sua própria indumentária de banho (biquíni, maiô ou corpo inteiramente coberto), no seu cotidiano enquanto sujeitos religiosos. O que não significa, por outro lado, que tal regulação não seja objeto de questionamento ou desobediência por parte das artistas gospel.

Em “Mulheres na genealogia de Jesus: uma história de marginalização e transgressão”, Xavier Liniker analisa a presença de cinco mulheres marginalizadas e transgressoras na linhagem de Jesus: Tamar, Raabe, Rute, Betsabéia e Maria. Mulheres que acumulam marginalidades, na condição de viúvas, estrangeiras e/ou “pagãs”, transgressoras do comportamento sexual requerido às mulheres de boa reputação. O autor tece considerações acerca do protagonismo dessas “mulheres aparentemente sem poder algum, que contrastam com homens poderosos” num contexto patriarcal.

Não são poucos os argumentos bíblicos usados ao longo da história e ainda hoje como forma de controle dos corpos das mulheres. A passagem de Efésios 5:18-33 tem sido frequentemente utilizada para requerer a submissão das mulheres aos seus maridos, não raro até mesmo em situações em que mulheres estão expostas a atos de violência por parte de seus parceiros. Com efeito, no artigo intitulado “A subversão de papéis de gênero em Efésios: uma análise co-textual e contextual de Efésios 5:18-33”, Natan Behrendt de Carvalho aponta que “a história da apropriação indevida desta passagem é longa” e tem servido a propósitos machistas e sexistas. O autor pontua porém que, quando se leva em conta o co-texto da carta e o contexto histórico, verifica-se que Paulo subverte a ideia de cabeça, apresentando-a “como algo que deve trabalhar para o corpo, e não o contrário”, tomando assim “a natureza do ‘outro’, algo bem presente no exemplo de Cristo, como Paulo também diz em Filipenses 2:5-11”.

Sim, o sexismo tem implicações sobre o saber teológico. Está presente também no contexto mais amplo da produção acadêmica nas



Ciências da Religião, como constata Priscila Neves Moreira, em “A Marginalidade dos Estudos de Gênero nas Ciências da Religião”. De acordo com a autora, a marginalidade da abordagem de gênero é evidenciada tanto pelo fato de que os autores utilizados como referenciais clássicos na disciplina de Introdução às Ciências da Religião são todos do sexo masculino, quanto pelo fato de que estes não utilizam uma perspectiva de gênero na análise dos fenômenos religiosos.

Se há marginalização de abordagens de gênero nos Estudos de Religião, observa-se por outro lado a marginalização do tema religião nos Estudos Feministas. Tal invisibilidade se apoia em certa medida em perspectivas essencialistas e reducionistas da adesão religiosa que, como aponta Maria Eduarda Antonino Vieira no artigo intitulado “Feministas: a reconstrução da vivência feminina no enquadramento cristão brasileiro”, tendem a qualificar as religiões como opressoras e todas as mulheres religiosas como submissas. A questão da resistência ao sexismo por parte de mulheres evangélicas e católicas é o tema central do artigo, no qual a autora elenca organizações e “formas de ação que transgridem, desconstroem, que divergem” e demonstram que análises reducionistas da adesão/participação religiosa das mulheres precisam ser revistas ou complexificadas. Conclui que “ativistas cristãs, ao contrário do que muitos acreditam, utilizam da sua fé como vetor de ação, de mudança, de libertação”.

Enfim, se o sexismo persiste, as resistências também, ainda que, por vezes, de maneira sutil. Em “Perfil de mulheres em igrejas orgânicas no Brasil”, Rebecca Ferreira Lobo Andrade Maciel traça o perfil e motivações de mulheres que aderem a igrejas orgânicas, destacando-se dentre as principais motivações a busca por uma “teologia mais bíblica” e “menos hierarquia”, além da “presença da família”, indicando que tal adesão é atravessada por questões de gênero.

Há muito o que comemorar sim, mas sem dúvida há muito terreno a percorrer, como se depreende da leitura do artigo “Sagrado Não-Binário? O conceito de psique andrógina na reformulação do debate de gênero no Sagrado Feminino”. Clarissa De Franco e Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão Fo. apresentam aí um contundente questionamento dos parâmetros referenciais de gênero no Sagrado Feminino. Diante

de uma concepção sacralizada de corpos reduzidos a dois sexos e dois gêneros perfeitamente correspondentes, cisheteronormativa, e, quem sabe, da “biologização da própria alma”, o feminino transgênero, “que transita, borra, desafia fronteiras do que é ser mulher e cruza fronteiras de gênero de modo mais amplo” representa um desafio à perspectiva de feminino dos Círculos Sagrados. O artigo postula que, embora as perspectivas iniciais de Jung, em cujos conceitos se apoiam os Círculos Sagrados de Mulheres, reforcem os binarismos de gênero, “uma leitura atenta de sua obra e de pós-junguianxs leva-nos à compreensão de que sua proposta carrega uma *subversão das polaridades de gênero*”.

Finalizando este número, a entrevista “25 Anos Católicas pelo Direito de Decidir-Brasil: histórias, desafios e perspectivas” e uma resenha. Letícia Aparecida Ferreira Lopes Rocha entrevista Regina Soares Jurkewicz, co-fundadora de Católicas pelo Direito de Decidir-Brasil, que “comemora 25 anos de histórias, lutas e defesa pelo Estado Laico, Direitos Sexuais e Reprodutivos e a justiça social”. Regina Soares Jurkewicz, relata aqui um pouco da história e da atuação de CDD, bem como dos desafios e perspectivas, num contexto em que as mulheres vêm seus direitos ameaçados pela intolerância religiosa, mas no qual jovens têm se identificado e integrado às causas de CDD .

Letícia Aparecida Ferreira Lopes Rocha é a resenhista do livro “Teologias fora do armário: Teologia, Gênero e Diversidade sexual”, organizado por Regina Soares Jurkewicz e editado por Católicas pelo Direito de Decidir (2019). A resenhista, Letícia Aparecida Ferreira Lopes Rocha analisa o contexto de produção e o conteúdo da obra, que aponta novos caminhos ao apresentar “o pensamento teológico com foco feminista e queer, que buscam abrir mão das abordagens hegemônicas cristalizadas no universo cristão, para escrever teologias fundamentadas nas experiências dos grupos periféricos”.

25 anos de Mandrágora, 25 anos de CDD. Sim, há muito a comemorar, entre avanços e retrocessos a luta féminista segue e veio para ficar. Boa leitura!